

**CARNAVAL, OS COLEGAS E UM OLHO DE VIDRO:
A LITERATURA (RE)VESTIDA DE FANTASIA**

Hellenice Ferreira (UNIGRANRIO)

helleniceferreira@yahoo.com.br

Anna Paula Soares Lemos (UNIGRANRIO)

annapaulalemos@gmail.com

Idemburgo Frazão Felix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

RESUMO

A festa de Momo faz parte da memória coletiva do povo brasileiro. Mesmo os que não brincam carnaval participam dele na medida de sua divulgação e de a *quarta-feira de cinzas* dividir o país em antes e depois, tornando a máxima *brincante*. "No Brasil as coisas só começam depois do carnaval", uma verdade em vários setores do país. No presente artigo, vamos tratar do carnaval nas produções literárias de Lygia Bojunga e Bartolomeu Campos de Queirós. Em Lygia Bojunga como mote em sua primeira obra publicada – *Os Colegas*, e em Bartolomeu Campos de Queirós como metáfora, onde a personagem principal, sendo criança, se percebe fisicamente parecido com o avô materno, a propósito de sua mãe ter-lhe escolhido para si a fantasia de pirata – O olho de vidro do meu avô. Para a costura teórico-metodológica utilizaremos as obras *A Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs, e *Espaço e Lugar, a Perspectiva da Experiência*, de Yi-Fu Tuan.

Palavras-chave: Carnaval. Literatura infantil e juvenil. Fantasia.

Memória coletiva. Perspectiva de experiências.

1. O carnaval e o povo brasileiro

O carnaval carioca é um emblema de nosso país.

Nossa memória coletiva está prenhe dos significados que emanam desta festa de Momo, vivida por nós com tamanha inteireza que nos representa fora de nossa geografia. Há o futebol, representante mor de nossa brasilidade – a camisa oficial brasileira é outro tipo de passaporte – mas o carnaval tem seu lugar de absoluto destaque, com brilho, força, e curiosidade incontestes.

E sobre memória coletiva, Maurice Halbwachs nos assevera que "(...) conforme a idade e também as circunstâncias, nos espantamos, sobretudo com as diferenças e semelhanças entre as gerações que ora se fecham sobre si mesmas e se afastam uma da outra, ora se juntam e se confundem" (HALBWACHS, 2003 p. 90). O carnaval é um excelente exem-

plo desta afirmativa, porque apesar das diversas formas como é vivenciado entre as gerações, mantém-se próximo em todas elas pela veia popular da alegria e rebelde euforia com que é experienciada.

A facilidade com que mergulhamos nessa ópera popular, o modo como nos entregamos ao carnaval, preenche o imaginário dos povos que não o desfrutam como nós, mas que desejam sentir de perto os efeitos do batuque, a malemolência que provoca em nossos corpos e fazeres, a essência desta festa que nos compõe, nos proporciona novas perspectivas de experiências, nos transporta para outro tempo/espaço, e nos faz viver num “não lugar” durante quatro dias, mesmo quando não nos juntamos aos blocos e escolas de samba. Há no brasileiro uma verdade *sine qua non*: o ano só começa após o carnaval. É uma festa divisora de águas. Um tempo bem marcado no compasso de nossas vidas cotidianas, sobretudo no Estado do Rio de Janeiro.

Todavia, para além da realidade do carnaval, há o carnaval imaginário, o jeito carnavalesco de viver, e de ser. Estamos sempre prontos a escavar e tirar gracejo das dores, ironizarmos problemas sociais, de modo que o riso, paradoxalmente, nos faça rever o dito e o não-dito; que o brilho, tal qual no carnaval, nos apresente a realidade por outro prisma mesmo enfadonho e/ou doloroso. Afinal, tudo, dependendo do ângulo em que nos colocamos, merece diferente nota, na vida, como na Sapucaí.

2. O carnaval e a literatura infantil e juvenil

Não poderia ser diferente em nossa literatura. Também ela não pode fugir aos batuques do carnaval. Muito pelo contrário, ela se vale bastante do fato de ele ser nossa realidade social, traçando mil e uma metáforas possíveis. O carnaval é mote, cena ou citação em inúmeras obras. Suas fantasias somando-se às possibilidades mais intensas da imaginação multiplicam-se, e chegaram a inaugurar escritores, como é o caso, por exemplo, de Lygia Bojunga Nunes.

Foi através do gosto comum pelo samba, que Virinha e Latinha, personagens de seu livro inaugural, *Os Colegas* (1972), param uma briga, para iniciarem uma amizade regada a composições musicais e aventuras:

E então se atracaram dispostos a uma briga feia.

Foi quando passou por ali um garoto assobiando um samba.

Os dois interromperam a briga e começaram a prestar atenção na música que ele assobiava. (...) Esqueceram o osso e a briga. Sentaram no meio-fio

começaram a falar de samba. Ficaram muito interessados um no outro. (BOJUNGA NUNES, 1972, p. 12)

Nascem, a partir deste diálogo, uma amizade, um livro, e uma das maiores escritoras da nossa literatura destinada à infância e à juventude. Para usar uma linguagem muito carioca, diríamos que “deu samba”.

Através desta fábula transgressora – uma vez que para os fabulistas importava mostrar ao final “a moral da história” e Lygia Bojunga vem, lobatianamente, desconstruindo caminhos, como “Emíliadona-da-própria-caneta” que é - a autora conquista seu espaço e leva o carnaval para as páginas da literatura destinada às crianças de modo inovador, irreverente e envolvente.

Nascida em Pelotas, mas radicada no Rio de Janeiro desde seus oito anos de idade, a escritora Lygia Bojunga Nunes (que há algum tempo assina apenas Lygia Bojunga), com alma absolutamente carioca, conta animada, em vários depoimentos, palestras, e rodas de conversa, como se viu lutando com seu editor pela publicação *ipsi literis* desta sua obra, ganhadora de um concurso literário promovido pela Editora José Olympio.

À época da publicação, o revisor, atento à norma culta da língua, ajustara toda linguagem coloquial da autora, de modo que o livro tivesse característica de “livro de literatura”. Lygia Bojunga vai ao encontro do proprietário da editora, mostrando os originais e afirmando que aquelas não eram suas palavras, nem o jeito de contar que ganhara o concurso, finalizando a conversa dizendo que se fosse para mudar uma vírgula, ela preferia não publicar a obra.

Embora estabelecida como escritora de rádio novelas, esta atitude, irreverente para alguém que se iniciava como autora de literatura, também nos parece muito característica de alguém que bem sabe com que “fantasia” quer se (re)vestir, em que desfile deseja se inserir e sambar. Essa coragem de foliona conferiu a autora o direito de publicar o que escrevera, e apresentou a literatura infantil e juvenil brasileira com um “Monteiro-Lobato-de-saias”, que dez anos depois se tornava a primeira autora fora do eixo Europa-Estados Unidos, a receber a Medalha Hans Christian Andersen, considerada o Nobel da Literatura voltada para infância e juventude.

A partir desta publicação, todas as que se seguiram nos brindaram com a irreverência bojunguiana. E, quando mais tarde, as obras foram abandonando o caráter mais marcadamente infantil (embora esta classificação de fato seja mera organização de catálogo e prateleira de vendas), o

estilo da autora já estava firme, e bem ao gosto de quem entende o poder da fantasia, mesmo as que assustam, já que em sua bibliografia temos três identificados pela própria autora como “trilogia da morte” – *O Meu Amigo Pintor* (1987), *Nós Três* (1987) e *O Abraço* (1995).

Apesar de ainda pouco trabalhado em escolas, Lygia Bojunga, sendo apresentada a leitores de quaisquer idades, logo apaixona. Sua fluidez, sua escrita irmã da fala, aguça a curiosidade do leitor inaugural que logo segue para o próximo título, e o próximo, e o próximo.

Considero importante dizer que, conquistar leitores entre os miúdos não é como pode parecer a alguns, tarefa simples e descomplicada. Sobretudo hoje quando muito antes de lerem sozinhos, aos dois anos de idade, por exemplo, já brincam com aplicativos com a mesma facilidade com que brincavam de chocalho “seus antepassados” em meados do século passado. Apesar disso, a obra *Os Colegas* continua entre seus livros mais vendidos, junto ao campeão *A Bolsa Amarela*, que já é outra, e ótima, história.

Seria divulgação de leitores anteriores? O nome consistente que possui a autora? Ou é mesmo o enredo regado a transgressões e amizade iniciada por uma boa roda de samba?

Pode ser que as três questões componham a verdade. No entanto, mais do que em qualquer outra fase, na infância estamos atentos aos ritmos, ao novo, ao mundo que se abre virgem à nossa frente, e, envolvida em sonoridades, ainda que audíveis somente no imaginário, a literatura conquista com mais rapidez. Regada à fantasia, a criatividade brota. Florescem imagens que deixarão marcas de prazer na memória de quaisquer leitores, sobretudo nas crianças.

Aliás, a fantasia, elemento de todo “brincante”, indispensável nos carnavais, move a infância. Para ilustrar, citaremos o caso de um aluno com que trabalhamos numa turma de Educação infantil.

A., que à época contava cinco anos, num dia de agitação extrema e total descaso por todas as propostas oferecidas no espaço escolar em que nos inseríamos, senta-se solitário e aborrecido, longe de todos.

Aproximamo-nos, fingindo total sem-compromisso de conquistar, e lhe entregamos massa para modelagem. Como havíamos lido *A Bruxa Salomé*, de Audrey e Don Wood, propomos a confecção de um caldeirão de bruxas, e dissemos, num tom distraído (mas não inocente) que as bruxas também protegem. A., com brilho nos olhos, desperta. Encara-nos e

pergunta: “É verdade?” A fantasia devolveu-o à realidade do espaço, mas em outra dimensão: no imaginário. E, como registrou o mineiro Bartolomeu Campos de Queirós em seu *O Olho de Vidro do Meu Avô*,

“O pensamento vê o mundo melhor que os olhos (...). O pensamento atravessa as cascas e alcança o miolo das coisas. Os olhos só aca-riciam as superfícies. Quem toca o bem dentro de nós é a imaginação” (QUEIRÓS, 2004, p. 5). A. não apenas se interessou por esta atividade, como fez questão de guardar a vivência, “o segredo” que estabelecemos sobre este assunto, por dias a fio, sempre perguntando sobre as bruxas ao pé do ouvido, e com interesse sempre inaugural.

Vitória da fantasia.

A propósito, em *O Olho de Vidro do Meu Avô*, Bartolomeu também se utiliza do carnaval, não para unir personagens em torno da amizade, mas para ajudar o protagonista, que é uma criança, a compreender seu avô, um homem que perdera um dos olhos e usava um olho falso “comprado em São Paulo”:

Dizem que ele viajou para São Paulo. Naquele tempo, São Paulo ficava quase em outro país. Foi comprar esse olho que não via. Ele jamais acreditou que, em terra de cego, quem tem um olho é rei. Venceu longos dias de estrada, poeira, lama, fantasiado de pirata, como se fosse carnaval. Tudo para conquistar um olho. (QUEIRÓS, 2004, p. 7)

E prossegue com suas metáforas, odes à imaginação:

Um dia eu virei meu avô. Minha mãe me vestiu de pirata. Eu nem sabia o que era carnaval. Meu desejo era afastar a venda que cobria o meu olho e me impedia de ver melhor. Faltava luz para o meu olhar. Mas sem a venda eu deixaria de ser pirata e ainda mataria a alegria da minha mãe de me ver como seu pai. Com um olho eu via o baile, as máscaras, os disfarces. Com o outro eu invadia caravelas, assaltava navios, vencia mares, me assustava com o tesouro. Como meu avô, eu via o visível me encantava com o invisível. Não ter um olho é ver duas vezes. Com um olho você vê o raso com o outro mergulha o fundo (QUEIRÓS, 2004, p.11-12)

Neste ponto recordamos que “O primeiro ambiente que a criança descobre é seus pais” (TUAN, 2013, p. 35), porque, ao viver seu carnaval, a personagem não o vê senão como uma forma de a mãe o aproximar do avô, seus primeiros espaços geográficos. A criança lê sua fantasia carnavalesca como símbolo do amor filial de sua mãe, desejoso de prolongar em si traços do pai, seu avô, e, embora fosse incômoda a vestimenta, ele não se queixou, com receio de magoá-la. Entrou na fantasia de ser o próprio avô em miniatura, e aproveitou a situação para sentir o mundo pela perspectiva daquele que fazia mais parte de seu mundo que a festa de Ba-

co. E vemos nesta análise, a confirmação de que

“As crianças são miniaturas no mundo dos adultos, mas gigantes em seu mundo de brinquedos” (TUAN, 2013, p. 40), uma vez que, munido de uma simples fantasia, a personagem foi muito além de seu espaço imediato, o baile de carnaval, e se permitiu reflexões muito além dele.

Eu carregava dentro de mim um desejo escuro. Vontade de saber se meu avô retirava seu olho na hora de dormir. Havia sempre, sobre o criado, que além de mudo era cego, um pires. Não parecia com o pires de Santa Luzia. Mas bem serviria de berço para um olho cansado de nada ver. Um olho que era e não era.

Eu também gostaria de possuir um olho assim, que ficasse distante de mim, sobre o criado. Ter meu olho me espiando de longe. Quem sabe, eu me conheceria melhor? Conheceria minha superfície sem precisar de espelho. Um olho capaz de vigiar meu sono, me protegendo dos fantasmas que nos visitam se descuidamos de nós. E dormir é descuidar-se de si mesmo. Dormir é ficar desarmado, é não ser mais proprietário do próprio corpo. Ah! Como o olho do meu avô me enchia de dúvidas! (QUEIRÓS, 2004, p. 13)

Mesmo que a prosa poética da obra vá muito além, e os cenários sejam outros, o carnaval aí está servindo de palco para as reflexões postas pela criança-personagem. O autor, nascido no interior de Minas Gerais, preenche de delicadas metáforas, bebeu na fonte desta festa para extrair dela sua mensagem, cuja estética foge ao folguedo, mas não à fantasia, em todos os sentidos com que esta palavra pode se apresentar.

3. *A literatura (re) vestida de fantasia*

Apresentar conclusão sobre este assunto é contraproducente, como o é escolher o melhor samba de enredo de todos os tempos, pois cada tempo tem o seu melhor, e mais apropriado ritmo.

Inobstante, à guisa de (in)conclusão, diríamos que, em nosso ritmado país, o carnaval se impõe como forte instrumento para reflexões externas e internas. De foro íntimo, como o fez Bartolomeu Campos de Queirós, em seu texto, ou de contextos sociais amplificadas, como o fez Lygia Bojunga.

Fugir a esta realidade seria fechar os olhos e ouvidos para a batucada de possibilidades com que a festa de Baco vem se valendo para nos fazer brincar, pensar e reagir. Se por um lado somos criticados pelo “jeitinho brasileiro” de tudo resolver, é exatamente este “jeitinho” que anos a fio dribla censuras e se impõe como modo de dizer, criticar, externar nos-

sas angústias e deixar claros nossos posicionamentos.

E, se no Rio de Janeiro, o maior palco é a Marquês de Sapucaí, na literatura este prosclênio se faz maior e mais abrangente, porque se a geografia espacial não se move, através da literatura a perspectiva da experiência se multiplica e liberta, chegando a mais olhares, vozes, e sentires, construindo, através da palavra, outro e mais denso carnaval, (re)vestido de fantasias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar, a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *O olho de vidro do meu avô*. Rio de Janeiro: Moderna, 2004.

BOJUNGA, Lygia. *Os colegas*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.